

MARITUBA, PA, 20 DE SETEMBRO DE 2002

*Meu caro Governador, Almir Gabriel; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Tenho a satisfação de dizer-lhes que o Pará tem, no meu Ministério, um filho seu, o Ministro da Justiça, Paulo de Tarso Ribeiro, que aqui está, conosco. E, ao citá-lo, por extensão eu cito os demais membros do Ministério; Senhores Oficiais-Generais, que nos dão a honra da presença; Senhor Arcebispo; Autoridades eclesiásticas; Senhora Presidente do Tribunal de Justiça; Senhores Prefeitos; Senhores Secretários; enfim, povo do Pará,*

Eu vim aqui, hoje, e, como é habitual quando se desloca o Presidente da República, há uma enorme preparação. Faz parte da organização que se prepare um discurso para o Presidente ler. Ao ouvir o Almir Gabriel falando e mesmo antes, ao vê-lo, em Barcarena, eu percebi que não tinha que ler coisa alguma. Eu tinha que vir aqui, não para ouvir o Almir dizer “obrigado”, mas para eu agradecer ao povo do Pará, ao povo do Brasil esses oito anos de governo, em que esse povo foi capaz de se modificar, de lançar as bases para uma nova sociedade, para uma sociedade melhor.

Quando começou a chover, eu disse: será que vai continuar chovendo enquanto o Almir estiver falando? Tomara, porque assim eu vou esconder minhas lágrimas. Eu não sou de emoções fáceis, mas, ao ouvir o Almir Gabriel, com o peso da responsabilidade dele, falar generosamente sobre o que nós conseguimos fazer juntos, eu me emocionei. Não deveria ter me emocionado. Eu conheço o Almir há tantos anos, trabalhamos juntos no Senado, estivemos juntos na Constituinte, sempre estivemos juntos, sempre nos mesmos partidos, nem sempre foi o mesmo partido, mas, quando mudamos de partido – só foi uma vez –, mudamos juntos, porque acreditávamos um no outro e porque acreditávamos que era preciso haver uma restauração na democracia brasileira.

No início, Almir, Governador, e eu, Presidente, só dificuldades. No fim também; mas no início a gente ainda não está habituado às dificuldades. E foram imensas. Tem-se a impressão de que se vai poder fazer tudo e depois se vê que é difícil fazer. Há momentos em que se pensa que não se vai conseguir fazer nada, mas, com persistência, como a tem o Almir, com a seriedade e com um projeto claro de governo, transparente, e com apoio do povo, se consegue. E o que o Almir mencionou aqui, atribuindo-o a nós, foi nosso, sim, mas foi parceria, foi tudo em parceria. E esse é o novo Brasil. O novo Brasil não é do caudilho, não é do sabe-tudo, não é do mandão, não é do homem que acusa: é do homem que fala um com o outro e que procura convencer, que dialoga. Convencer quer dizer vencer junto.

E nós estamos – “nós” é o povo – vencendo juntos. Vencendo as dificuldades, que são enormes. Foram maiores. Mas, hoje, nós temos, certamente, um caminho a seguir. Claro, há obras. Obras físicas. Algumas aqui foram mencionadas. Elas estão pelo Brasil inteiro.

Hoje, quando eu desci no aeroporto, e o Almir queria me mostrar e dividir comigo termos feito o aeroporto, nós fomos nos lembrando. Fizemos aeroportos em muitos lugares, eu nem me lembrava. Eu fui a poucos. Não sou de sair na inauguração de obras. Não faço obras para mim. Nem cabe: o dinheiro não é meu, é do povo. As obras são do povo. Mas é preciso que o administrador local ajude para que elas possam existir. Aeroporto nós fizemos por toda parte. Fizemos em Por-

to Alegre, fizemos em Curitiba, fizemos em Brasília, fizemos em Natal, fizemos em São Luis, fizemos em Fortaleza, fizemos em Rio Branco e fizemos em Palmas. São tantos aeroportos que eu perdi a conta de quantos fizemos. Mas isso não cito, ao dizer esse “fizemos”, como se fosse eu. Não. Foi o Brasil quem fez, foi o povo quem fez. E, por isso, quem tem que agradecer sou eu a esse povo.

Não fosse uma certa insolência, eu até faria o que fez o Papa quando chegou ao Brasil. Não o faço porque só o Papa pode fazê-lo: beijar este solo, beijar a terra que este povo pisa, agradecer a este povo do Brasil por ter sabido, com todas as dificuldades, continuar a acreditar e continuar avançando. Essa talvez seja a característica mais forte do nosso povo.

Euclides da Cunha dizia sobre o sertanejo que ele era antes de tudo um forte. Pois bem, creio que o Almir pode me acompanhar no que vou dizer. Com esses anos de Governo, quase oito, que são mais até, porque, antes de ser Presidente, eu já estava enfronhado nessas coisas públicas, nós podemos dar o testemunho de que não é o sertanejo apenas que é um forte. O povo brasileiro é muito forte. É tão forte que não haverá turbulência internacional, crise, dificuldade, nada, nada mesmo que possa parar o nosso caminho para uma sociedade melhor.

E uma sociedade melhor é uma sociedade que tem uma base material. Precisa de estrada, precisa de ponte, precisa de energia, precisa, mais do que isso, de escolas, de hospitais, de trabalho para esse povo. Mas uma sociedade melhor é uma sociedade em que as pessoas sejam melhores. E as pessoas, para serem melhores, não apenas têm que passar por sistemas educacionais melhores, mas começa na família, no diálogo em casa. Têm que ser pessoas com essa capacidade de um querer ao outro, de amor. Isso é importante. E o nosso povo – me perdoem se exagero – esbanja amor. Somos um povo amoroso, somos um povo caloroso, somos um povo que sabe perdoar quando é necessário perdoar, sabe esquecer quando é necessário esquecer; mas, sobretudo, um povo que traz dentro da alma a vontade de continuar avançando.

Chegando aqui, ao Pará, já olhando a cidade, ao descer do avião, vê-se, hoje, uma metrópole. A mesma sensação de quando se desce em Manaus, na Amazônia. Sente-se que um povo que é capaz de fazer isso e

que, agora, tem consciência da preservação da Natureza, e não só faz a cidade, mas sabe que a floresta é irmã do homem e da mulher, um povo que tem essa capacidade eu não tenho dúvida de que é um povo que irá longe, e muito longe.

E, nesta região da Amazônia – o Almir, na sua generosidade, mencionou dois brasileiros que ajudaram esta região e me incluiu nesse rol –, eu tinha obrigação, como brasileiro, mas como pessoa também, de olhar com carinho, com amor para a Amazônia. Já disse muitas vezes: minha mãe nasceu em Manaus. Outra coisa que não disse, mas que trago na minha alma: meu avô comandou esta Região lá pelo ano de 1915 e meu pai, na Revolução de 22, porque ele era rebelde, era Tenente, queria democracia, queria compostura na vida pública, foi trazido para Óbidos. Naquele tempo, isso era considerado exílio. Ficou dois anos em Óbidos. Voltou de Óbidos com amor ao Pará. De modo que, desde pequeno, para mim, a Amazônia não é uma realidade distante, de quem vive no Sul: é uma realidade presente na minha alma, na minha memória. Eu não podia, sendo brasileiro, sendo Presidente da República, deixar de fazer o possível e o impossível para que esta Região se integrasse mais ao Brasil e para que pudéssemos sentir a força da Amazônia como um dos pilares constitutivos da nossa Nação.

Hoje, acho que não há brasileiro que já não conheça razoavelmente bem não só as potencialidades, mas as realizações da Amazônia. E o que disse o Governador Almir Gabriel, ao mostrar que o porto de Vila do Conde, com essa alça viária, com a teia de estradas de que hoje dispomos, vai integrar mais o Nordeste e o Centro-Oeste do Brasil à Amazônia é absolutamente verdadeiro.

Agora, ao vir de Barcarena para cá, de helicóptero, ao ver a alça viária, que é imponente, ao ver essa ponte monumental, eu dizia mesmo: por quanto tempo vai ser possível? Será que alguém mais vai ver esta estrada ainda vazia, como eu? Vai ter a sensação do que é o progresso em plena mata, sem que haja caminhões passando ainda? Por muito pouco tempo. Em muito poucas horas, aberta a estrada, isto aqui vai ser um pulsar de riquezas, de mercadorias produzidas por brasileiros do

Pará, do Tocantins, do Nordeste, de Goiás, de toda parte, buscando caminhos pelo mundo afora e saindo aqui, pelo porto de Vila do Conde.

E espero com ansiedade o dia em que esteja pronta, realmente, a eclusa de Tucuruí, em que seja possível ver o rio Tocantins, que, mudando de nome, banha Belém, ver esse rio de Tocantins trazendo a riqueza que é produzida no Centro do Brasil para que ela possa escoar mais barata e mais depressa pelos caminhos do Norte.

Hoje, o Norte está, realmente, integrado ao Brasil. É certo, foi Juscelino quem viu primeiro tudo isso. Talvez tenha sido ele quem tenha sonhado mais que nenhum outro com a Belém-Brasília. Hoje, eu diria, há várias Beléns-Brasília. As que vão por terra e, amanhã, haverá como se deslocar liquidamente pelo rio Tocantins, pelo rio Araguaia, e vão passar por aqui a fora, sair lá em Barcarena e Vila do Conde. É um outro Brasil. É um outro Brasil que talvez não tenha ainda a consciência da força que tem, que talvez não saiba ainda o quanto esse outro Brasil hoje é respeitado no mundo todo. Às vezes me dá até uma certa pena das pessoas que não percebem que o Brasil, hoje, é um país levado realmente a sério. E tem que ser levado a sério, porque nós levamos o Brasil a sério, nós fazemos esse Brasil com o coração, mas também com a cabeça, com afinco e com seriedade.

É por isso que eu, em vez de ler um discurso formal, queria abrir meu coração. E, ao abri-lo, vou dizer: Almir você está nele. Você está nele, como está no coração de milhões de pessoas, de paraenses e de brasileiros, porque, com sua administração, com a sua presença, com a sua tenacidade, com a sua honestidade, que é muito importante, soube marcar o caminho da vitória do Pará. E a vitória do Pará certamente é a vitória do Brasil.

Como brasileiro, não como Presidente, simbolicamente, eu beijo o solo do Pará.

Muito obrigado.